

“Eu Decido”: Gênero, território e violência doméstica na rede intersetorial.

“I Decide”: Gender, territory, and domestic violence in the intersectoral network.

Bruna Cristina de Oliveira e Silva¹

Acácia Mayra Pereira de Lima²

Marcos Claudio Signorelli³

Eixo Temático: EIXO 5- Gênero, sexualidades e violência doméstica

1. Introdução

O local de origem, especialmente nas periferias urbanas, influencia profundamente a forma como os indivíduos percebem o mundo e se posicionam socialmente. A divisão geográfica entre centro e periferia não é apenas territorial, mas também simbólica, afetando hábitos culturais, consumo e identidade, que perpassa da alimentação ao acesso a direitos. A infraestrutura precária desses espaços reflete a negligência histórica do poder público. As periferias, em geral, carecem de planejamento urbano e serviços básicos, o que contribui para a sensação de exclusão e desigualdade. A violência simbólica, transversalmente atravessada por dinâmicas de estereótipos de gênero, repressão e exclusão de mulheres, em sua maioria negras, representam barreiras reais e subjetivas quanto à reprodução das relações de poder no capitalismo, perpetuando a desigualdade em prol do capital e de sua produção finita. Dessa forma, morar na periferia não é apenas uma condição geográfica, mas um fator determinante na construção da subjetividade e na forma de ocupar e interpretar o espaço urbano, as políticas públicas de território e a violência — aspectos que impactam diretamente o acesso pleno de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo (VPI) aos seus direitos.

2. Desenvolvimento

Este breve ensaio foi produzido a partir do trabalho em desenvolvimento no Projeto de Pesquisa “Eu

¹Bacharelada em Serviço Social (UFF); Universidade Federal Fluminense; Pesquisadora Bolsista do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Paraná. Email: brunao@id.uff.br

²Doutora em Saúde Pública (UFBA); Universidade Federal da Bahia; Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC/UFPR). Email:

acacia.elsa@gmail.com

³Pós-doutor em Saúde Pública (UFPR); Universidade Federal do Paraná; Professor do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Paraná. Email:

signorelli.marcos@gmail.com

Decido: Desenvolvimento de uma plataforma online de apoio à tomada de decisão e planejamento de segurança para mulheres em situação de violência por parceiro íntimo”, realizado pelo Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Paraná (DSC/UFPR), com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

Semanalmente são realizadas reuniões com pesquisadores, bolsistas e voluntários, para discutir o processo de formulação do projeto. A partir disto, as bolsistas responsáveis pelo mapeamento da rede intersetorial de atendimento às mulheres em situação de VPI no Brasil identificaram uma lacuna na chegada dessas mulheres aos espaços destinados à sua proteção, sobretudo nas áreas periféricas e rurais. Tal constatação deu início a uma investigação quanto às causas da defasagem na rede de proteção à mulher, que perpassa a condição de território e afeta diretamente as dinâmicas de gênero, exclusão e reprodução das ideologias dominantes — patriarcal, racista e elitista — que normatiza a exploração e a violentação dos corpos femininos, tratados substancialmente como mão de obra reprodutora dos futuros trabalhadores sob uma ótica capitalista imposta socialmente (Federici, 2017).

Portanto, este trabalho tem como objetivo discutir a violência de gênero sob uma perspectiva anti colonial, analisando os determinantes sociais brasileiros relacionados à VPI e seus efeitos práticos e subjetivos. Tem como peça central a vivência das pesquisadoras e a experiência adquirida por meio da leitura da realidade, com base crítica em bibliografias sobre gênero, interseccionalidade e raça. O ensaio busca relacionar essas reflexões à proposta do projeto e seu caráter inovador diante dos desafios enfrentados, nascido da urgência em oferecer uma resposta consistente à complexidade da violência baseada em gênero (VBG) e seu impacto nas dinâmicas sociais brasileiras, fortemente afetadas pela nova onda neoliberal que pulveriza os serviços da rede intersetorial.

A violência simbólica vai estar presente nas formas como a mulher é representada na mídia, na educação e na religião. A cultura ocidental através destas representações vai forjar a imagem da mulher como objeto, como passiva, como destinada ao homem, correlacionando a feminilidade à ideia de subalternização à figura masculina (Beauvoir, 1967). Essa representação irá sustentar e legitimar a violência: se a mulher é vista como propriedade, como extensão do homem, a agressão se torna “correção”; o estupro se torna “desejo incontrolável”; o feminicídio se torna “crime passionai”.

Na historicidade da violência doméstica, carregada pelas cicatrizes coloniais e escravistas brasileiras, a propositura do ato da violência não será aniquilar as mulheres, mas manter o controle sob os corpos

femininos, as subalternizando nas relações. A base da violência, logo, será determinada na rotina, de forma sistêmica (Chauí, 1985). Portanto, para a vítima se torna incrivelmente dificultoso a identificação da violência e da gravidade de sua totalidade ao serem alienadas na rotina de suas relações afetivas, fazendo com que, apenas busquem apoio para sair de sua relação quando ela atravessa um nível de violência aguda.

Entretanto, há de se apontar que a VBG no Brasil não é somente atravessada pela dinâmica de classe. Enquanto último país das Américas a abolir a escravidão, a realidade brasileira vai carregar também marcadores de raça, cultura e território, que impactam diretamente a forma do acesso da população negra as políticas de prevenção e proteção à violência doméstica e os equipamentos da rede básica como CRAS, CREAS, UBS, Delegacias e Procuradorias de Justiça. Deste modo, será notada a fragmentação dos serviços da rede intersetorial de atendimento a mulheres em situação de violência, se intensificando nos territórios onde se perpetua a população negra brasileira.

3. Considerações Finais

A plataforma “Eu decido” surge como resposta às dificuldades de acesso à informação e ao acolhimento das vítimas de VPI. É um Sistema de Apoio à Decisão (SAD) voltado à orientação de pessoas em situação de violência, com planejamento de segurança, localização de serviços e acesso a informações. A rede intersetorial, pilar do enfrentamento à VPI, está integrada à plataforma (website/app) por meio de um mapa interativo com instituições da saúde, assistência social, segurança e justiça. No entanto, os dados revelam uma realidade fragmentada, onde muitas vezes a mulher percorre diversos espaços sem atendimento adequado. A territorialização da política pública, prevista pelo SUS e pelo SUAS, não se efetiva plenamente, havendo defasagem nos serviços e atendimentos.

4. Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CAVALCANTI, Maria Laura V. C. e HEILBORN, Maria Luiza (org.). Perspectivas Antropológicas da Mulher. São Paulo: Zahar, 1985, p. 23-62.

CHAUÍ, Marilena. “Participando do Debate sobre Mulher e Violência”. In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Maria Laura V. C. e Heilborn, Maria Luiza (org.). Perspectivas Antropológicas da Mulher 4, São Paulo, Zahar Editores, 1985.



NUDISS

**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.